

MACEDÓNIOS, *XENOI*, *MISTHOPHOROI* E *PANTODAPOI* NA GUERRA DOS *DIADOCHI*

Embora a continuidade dos exércitos cívicos no período subsequente à morte de Alexandre seja digna de nota, é facto indiscutível que o mundo helenístico assistiu, maioritariamente, à redução dos exércitos ao tipo profissional: o mercenário (*xenos* ou *misthophoros*)¹. De facto, as condições de recrutamento variaram de acordo com as tradições locais e com os grupos étnicos disponíveis em tais regiões, mas a guerra helenística no tempo dos *Diadochi* assistiu à preferência pela incorporação de tropas inimigas derrotadas na condição de mercenários e ao tratamento mercenário dado a todos os soldados, não importando a sua ascendência ou as condições iniciais de seu recrutamento. Diante desta constatação, torna-se relevante mapear – e distinguir – os termos que aparecem em Diodoro, nossa principal fonte para o período, nesta parte servindo-se de Hierónimo de Cárdia, quando a classificação das tropas profissionais pagas vem à tona, isto é, no momento em que os *Diadochi* empregam grandes exércitos mercenários na luta sucessória.

Ao lado dos mercenários conhecidos desde a campanha de Alexandre (agrianos, trácios, tessálios, cretenses, entre outros), os macedónios desempenharam uma função de grande importância na composição dos exércitos helenísticos: a falange representava a força de apoio, tornando-se responsável em boa medida pela manutenção do centro da formação, ao passo que a cavalaria e os elefantes de combate (quando disponíveis) realizavam a ofensiva nas alas e procuravam decidir a peleja.

¹ Uma diferença deve ficar clara, qual seja, aquela entre os profissionais pertencentes aos chamados Batalhões Sagrados (*hieroi lochoi*), grupos cívicos de elite criados nos moldes espartanos durante o período clássico, e os profissionais propriamente mercenários, para quem a guerra havia se tornado uma profissão e cujo serviço era oferecido para contratantes diversos, independentemente da causa pela qual a guerra era travada. Esta distinção, no entanto, tenderá a desaparecer no período helenístico.

Em Diodoro², por exemplo, após desferir um ataque inesperado ao espaço aberto pela marcha irregular da infantaria de Êumenes, Antígono conseguiu, na batalha de Paraitacene (317 a.C.), alinhar novamente a sua falange ao pé do monte, para onde os soldados haviam se retirado, reestruturando boa parte da linha defensiva de seu exército. Neste caso, a reorganização da infantaria macedônica em campo de batalha teria assegurado, por um lado, a vitória do comandante aparentemente derrotado e, por outro, devido à irregularidade da marcha dos infantis inimigos, a derrota daquele que pensava ter vencido o confronto.

Sendo os macedônios de reconhecida importância nos primeiros 20 anos subsequentes à morte de Alexandre, o questionamento sobre a multiplicação de suas aparições no relato de Diodoro se faz necessário. Por que razão as referências a eles aumentaram no período de divisão das chamadas “tropas nacionais” entre os generais de Alexandre, o que forçosamente teria reduzido o seu número em cada um dos exércitos que lutavam entre si pela supremacia militar?

Griffith³ e Launey⁴ apresentaram explicações idênticas para tal evento. Em primeiro lugar, dada a impossibilidade dos números apresentados por Diodoro⁵ para as tropas macedônicas, o ponto de partida se torna a valoração técnica adquirida por *makedon* no séc.III a.C., especialmente no Egito, ou seja, o termo deixou de ser “uma garantia de proveniência geográfica”⁶ e passou a designar unicamente um “cavaleiro ou soldado de infantaria pesadamente armados, segundo as tradições macedônicas”⁷.

Notamos, então, a fusão da referência étnica com a valoração técnica do termo *makedon*, o que por vezes torna impossível a identificação exata dos batalhões formados unicamente por veteranos de Alexandre ou por novos macedônios, exceto quando os primeiros são mencionados como

² Diodoro, *Biblioteca Histórica*, 19.27-31.

³ G.T. Griffith, *The Mercenaries of the Hellenistic World*, Chicago, Ares, 1935, p. 41.

⁴ Marcel Launey, *Recherches sur les armées hellénistiques*, 2 vols., Paris, Boccard, 1949, vol.1, pp. 290-93.

⁵ Diodoro, *Biblioteca Histórica* 18.30.

⁶ Launey, op. cit. p. 290.

⁷ Launey, op. cit. p. 293.

argyraspides, em contraposição àqueles provenientes das *satrapias* e armados com equipamento macedônico.

Outras referências relevantes nos exércitos helenísticos são os mercenários gregos propriamente ditos, conhecidos como *xenoi*, os *misthophoroi*, e as tropas asiáticas mistas ou *pantodapoi*, recrutadas nas províncias e listadas entre os demais soldados, servindo ora como cavaleiros e arqueiros, ora como infantaria de pouca utilidade, se comparada àquela dos mercenários gregos. Deve-se observar que estas não são categorias necessariamente excludentes, uma vez que encontramos, por exemplo, em Diodoro⁸, “três mil *pantodapoi* armados com equipamento macedônico”, o que sugere uma possibilidade dupla de tratamento. Apenas os *xenoi* se diferenciam claramente dos *misthophoroi*: ambos costumam ser traduzidos como mercenários, mas os primeiros são quase sempre dispostos como infantaria pesada (na linha de frente), enquanto os últimos fazem referência às tropas levemente armadas e constituídas por *pantodapoi* ou por outras tropas asiáticas.

Vejamus a organização do exército de Antígono em 317 a.C., de acordo com Diodoro⁹, num trecho esclarecedor quanto à temática em questão:

Quanto à infantaria, mais de nove mil **mercenários** (οἱ ξένοι) foram dispostos à frente; próximo a eles [foram dispostos] três mil lícios e panfilios e em seguida mais de oito mil tropas mistas armadas com equipamento macedônico (παντοδαποὶ δ' εἰς τὰ Μακεδονικὰ καθωπλισμένοι) [...]. À frente dos cavaleiros na ala direita adjacente à falange estavam 500 **mercenários de origem mista** (μισθοφόροι παντοδαποὶ) [...].

Há dois tipos de mercenários na passagem acima. Os primeiros, em número de 9.000, eram claramente soldados de infantaria pesadamente

⁸ Diodoro, *Biblioteca Histórica*, 19.14.5, [...] τοὺς δὲ εἰς τὴν Μακεδονικὴν τάξιν καθωπλισμένους [...]

⁹ Diodoro, *Biblioteca Histórica*, 19.29.3 e 4, τῶν δὲ πεζῶν πρῶτοι μὲν ἐτάχθησαν οἱ ξένοι, πλείους ὄντες τῶν ἐννακισχιλίων, μετὰ δὲ τούτους Λύκιοι καὶ Παμφύλιοι τρισχίλιοι, παντοδαπὰ δ' εἰς τὰ Μακεδονικὰ καθωπλισμένοι πλείους τῶν ὀκτακισχιλίων, ἐπὶ πᾶσι δὲ Μακεδόνες οὐ πολὺ ἐλάττους τῶν ὀκτακισχιλίων [...] τῶν δ' ἰπέων πρῶτοι μὲν ἦσαν ἐπὶ τοῦ δεξιῦ κέρατος συνάπτοντες τῇ φάλαγγι μισθοφόροι παντοδαπὰ πεντακόσιοι, ἐξῆς δὲ Θρᾶκες χίλιοι, παρὰ δὲ τῶν συμμάχων πεντακόσιοι [...]

armados, *hoplitas* mercenários. Os últimos, dispostos como cavaleiros, eram também tropas mercenárias, mas de uma categoria diferente, não só por combaterem a cavalo, mas por serem asiáticos. Noutras palavras, mercenários asiáticos são tão mercenários quanto os que advêm da Grécia, porém a distinção estabelecida pelo uso dos dois termos deve ser notada, ainda que não possamos mensurar qualquer distinção no tratamento dado a ambos por parte do empregador.

Os *pantodapoi* são comumente citados por Diodoro, como exposto acima, mas a sua participação em batalha não tem lugar de destaque na narrativa do historiador siciliano, da mesma forma que os mercenários no relato de Arriano sobre a campanha de Alexandre. As tropas de origem étnica bem definida, por sua vez, não constituíram uma exceção a essa regra, a não ser por aparições velozes e escassas, mas por vezes determinantes, como no caso dos capadócijs¹⁰.

A terminologia das tropas, portanto, ilustra que a heterogeneidade dos termos indica também a pluralidade dos soldados no que respeita a sua ascendência, mas o tratamento dado a eles não se diferencia ao longo do processo de incorporação por meio do suborno ou da aquisição após a batalha. Por fim, macedónios, *xenoi*, *misthophoroi* e *pantodapoi* ocupam lugares específicos na guerra dos *Diadochi*, não podendo ser confundidos entre si, mas a universalidade da sua condição mercenária não deve também ser negligenciada, se se tem em consideração a forma como foram empregados nos confrontos armados ao longo dos primeiros vinte anos da época helenística.

HENRIQUE MODANEZ DE SANT'ANNA

¹⁰ Diodoro, *Biblioteca Histórica*, 18.30.

UMA BATALHA HÁ DOIS MIL ANOS: TEUTOBURGO

Ao longo dos séculos muitas batalhas têm sido consideradas, por esta ou por aquela razão, decisivas, ainda que, com alguma frequência, essa percepção do significado transcendente das mesmas não tenha ocorrido imediatamente. Conta a história militar romana, prestigiosa entre todas, com algumas dessas batalhas nos seus anais, como a que se travou há dois mil anos, na floresta de Teutoburgo, no coração da Germânia. Uma batalha, reconhecida a natureza social da guerra, é um choque de vontades, no qual uma delas se impõe através da violência, destruindo o inimigo ou reduzindo-o a uma condição que o obrigue a capitular militarmente ou nos seus objectivos políticos. O desastre que os Romanos sofreram na floresta de Teutoburgo não foi fatal para Roma, como poderia ter sido a vitória de Aníbal na Itália, por exemplo, mas os resultados de ordem política e geoestratégica foram gravíssimos e decisivos. A confrontação que se desenvolveu ao longo de três dias do mês de Setembro do ano 9 não pode ser considerada uma batalha clássica, menos ainda à luz da estratégia e da tática romanas, uma vez que se tratou de uma sucessão de combates sustentados em condições de grande inferioridade, não forçosamente numérica, pelas forças romanas, emboscadas pelos Germânicos quando em plena marcha em direcção aos seus quartéis de Inverno.

Clausewitz define, na sua obra de permanente actualidade, como continua a ser a guerra, uma batalha como *um conflito em que pesem todas as nossas forças, para que se alcance uma vitória decisiva*¹. Foi isso que os Germanos fizeram, ainda que arditamente, contando desde o início a seu favor com elementos que o teórico prussiano considerava factores essenciais para atacar e vencer com fortes probabilidades de êxito: surpresa, estratégia e escolha do terreno². O exército romano, poderoso do ponto de vista dos efectivos e do moral, estava, desde o início, condenado a sofrer um desaire por não ter previsto o embate, perdendo assim qualquer possibilidade de

¹ Carl von Clausewitz, *Da Guerra*, Publicações Europa-América, Lisboa, s/d, p.236.

² Clausewitz, pp.182-189, 250-251.